

STRONG ESAGS - ESCOLA SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO E  
GESTÃO

Gabriel Costa Oliveira

**Uma análise dos avanços da Indústria referente a primeira  
implantação do modelo de substituição de importações no  
Brasil**

Santo André – SP  
2020

Gabriel Costa Oliveira

**Análise dos avanços da indústria referente a primeira  
implantação do modelo de substituição de importações no  
Brasil**

Monografia apresentada como exigência para  
a obtenção do grau de Bacharel em Economia,  
à Escola Superior de Administração e Gestão  
– STRONG ESAGS.

Orientador: Prof. Me. Raphael Bicudo

Santo André – SP

2020

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus e a todo mundo que me incentivou a escolher essa área apaixonante que é a Economia. Dentro desse grupo, todo o corpo de professores, especialmente ao professor Raphael Bicudo, por todo apoio diante desse trabalho.

Além desta, a toda área das relações sociais que detêm um papel muito importante, principalmente no estudo da economia e da sociedade em geral. A educação transforma o mundo.

## **RESUMO**

Ao estudar a política de substituição de importações no Brasil, podemos observar um avanço da estrutura industrial brasileira, o que se demonstra de extrema importância medidas que ditam o avanço da matriz industrial brasileira. Tais políticas foram de extrema importância para o avanço do país. Como objetivo do trabalho é oferecer questões relacionadas ao crescimento do sistema industrial brasileiro diante da política implementada.

**Palavras chave:** Indústria, substituição de importações, Brasil.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – A indústria de transformação e a % no PIB do país .....	11
Gráfico 2 – Participação do setor industrial na economia .....	12

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Estrutura do Setor industrial, por ramos de indústrias, em termos de empregos .....	15
Tabela 2 – Estrutura do produto industrial por usos .....	16
Tabela 3 – Indústrias de transformação – taxa média de crescimento industrial, segundo períodos relacionados e ramos industriais .....	17

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	8
1. O CENECITO DE INDUSTRIALIZAÇÃO .....	10
2. POLÍTICA DE SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES.....	13
2.1. CONDIÇÕES HISTÓRICAS .....	13
2.2. IMPACTOS INDUSTRIAIS .....	14
CONCLUSÃO .....	19
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....	20

## INTRODUÇÃO

O processo referente a política de substituição de importação fora introduzido pelo governo Vargas, quando este último houve uma grande compra da parcela do excedente de café, juntamente com os impostos de exportação e a destruição do excedente. Tal item, fora de extrema importância para o avanço da matriz industrial e para a economia brasileira da época.

Podemos caracterizar a política de substituição de importação como uma economia fechada, com produção voltada para dentro do país, tem como objetivo o desenvolvimento do mercado interno, que por sua vez é grande dependente de políticas de protecionismo da indústria.

Tal política de substituição de importação fora implementada pela equipe da CEPAL (comissão econômica para a América Latina), o que demonstra que a exportação de produtos de baixa elasticidade renda da demanda não confirmava a o crescimento do produto, principalmente no que tange a importação. Se analisarmos, isso juntamente com a incapacidade de reter os ganhos de produtividade observou que a política da época era incapaz e improdutiva, sendo assim, tornando-a de característica exportadora.

Com isso, a CEPAL propôs um novo modelo de substituição de importação, tendo como base a indústria nacional.

Ocorrido em fases, bens de consumo não duráveis, bens de consumo não duráveis, bens intermediários e bens de capital e com isso, as políticas foram implementadas ao Brasil da época.



## 1. O conceito de industrialização

A matriz industrial de um país está caracterizada ao processo de produção de bens que, por sua vez, está ligado ao poder de alavancagem da PIB. Para tal, inicialmente, a industrialização está relacionada à impulsão de setores considerados de transformação. Segundo KALDOR, essa última detem fatores importantes para o crescimento de uma economia capitalista, que é o caso brasileiro. As leis de Kaldor (revista economia política) exprimem bem essa preposição:

- i) Existe uma relação positiva entre o crescimento da indústria e o crescimento do produto agregado, daí quanto maior a taxa de crescimento da indústria, maior será a taxa de crescimento do produto agregado.
- ii) Há uma relação positiva entre a taxa de crescimento da produtividade na indústria e o crescimento do produto industrial, sendo a relação de causalidade na direção de quanto maior a taxa de crescimento da indústria, maior será também a taxa de crescimento da produtividade.
- iii) Quanto maior a taxa de crescimento das exportações, maior o crescimento do produto.
- iv) O crescimento da economia em longo prazo não é restringido pela oferta, mas sim pela demanda, assim a principal restrição da demanda ao crescimento do produto numa economia aberta é o Balanço de Pagamentos.

Como se pode observar, os fatores de crescimento da indústria estão relacionados à matriz industrial, trazendo consigo uma forte expansão do produto agregado, sendo esta ligada à produtividade de um país. Lembrando que tais itens aplicam-se a países capitalistas.

A primeira lei irá discutir a forte relação do crescimento do produto interno, face ao

crescimento industrial.

A segunda lei irá exprimir a interpretação que Kaldor tem de Verdoorn. Um aumento da produção irá trazer consigo uma taxa de crescimento, aliado ao aumento da demanda, irá impulsionar um aumento da produtividade em setores onde se encontra economias de escalas dinâmicas.

Com isso, Kaldor, exprimia que o aumento na taxa de exportações eleva o nível de crescimento através da taxa de crescimento relacionado ao comércio exterior e flexibilizar a taxa de crescimento da balança de pagamentos, permitindo que os outros componentes mudem.

A terceira lei irá tratar o papel que as exportações estão relacionadas à expansão do produto interno. Tal associação está relacionada ao fato de que quanto maior a proporção da exportação, o que significa que se há a exportação, principalmente bens de valor agregado, significa que o país estará investindo em bens associados como, por exemplo, tecnologias, indústrias de base e etc.

Portanto, todo o crescimento de um país depende de como o mesmo irá manter o seu nível de exportação, mais especificamente do setor industrial da economia.

Para Kaldor e Thirwall, as exportações detem um grande papel diante das economias e de toda sua estrutura produtiva. Sendo esta última, de extrema importância. Os autores ainda inferem que a economia que ainda não foi capaz de chegar até tal patamar de industrialização, demonstra-se de extrema importância dos incentivos do governo para alcançar tais patamares de desenvolvimento, em indústrias que detem retornos de escalas, com foco em bens agregados (alto valor e nível tecnológico).



Gráfico:1:<https://www.ocafezinho.com/2019/03/02/a-desindustrializacao-do-brasil-continua-firme/>

Como pode observar acima, ainda que posteriormente à primeira implementação da política de substituição de importações no Brasil, a imagem trata da importância da participação da indústria no produto interno de um país. Nos picos, do final da década de 60, sob o governo de Juscelino Kubstchek, e anos posteriores – com o chamado milagre econômico dos governos militares – tivemos uma severa participação da indústria na composição do PIB.

Com isso, a industrialização é de extrema importância para o crescimento em economias capitalistas, mais precisamente que é o caso Brasileiro. A indústria é um dos principais fatores que podem levar o Brasil a patamares estrangeiro, equiparando-os a países de primeiro mundo, os chamados países desenvolvidos.

## CRISE NA INDÚSTRIA

Participação do setor na economia brasileira cai e volta ao nível dos anos JK

Participação da indústria de transformação no PIB, em %

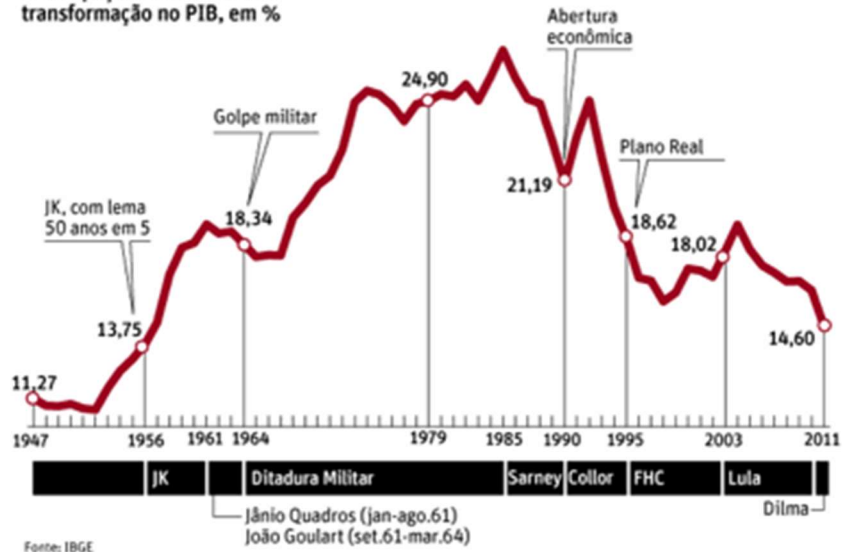


Gráfico 2:

[http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=captulo\\_11\\_a\\_industria\\_no\\_brasil](http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=captulo_11_a_industria_no_brasil).

A figura 2 exprime também o que fora afirmado. Pode-se observar a maciça participação da indústria do PIB brasileiro. No momento em que tivemos grandes picos, a indústria estava em alta, o que reforça as afirmações trazidas por Thirlwall e Kaldor, da participação da indústria no crescimento de um país.

Portanto, é inquestionável a participação da indústria no cenário de crescimento de um país, visto que observamos que sua influência está relacionada à capacidade de produção física e intelectual.

## 2. A Política de Substituição de Importações

### 1. 2.1 CONDIÇÕES HISTÓRICAS

O início da industrialização Brasileira de forma intensificada iniciou a partir da década de 30. Tratando de contexto histórico, o mundo enfrentara um grande choque devido à crise de 30. Para tal, a forma como o Brasil trabalhava e grande parte de seus itens eram de característica exportador. Tal modelo adotado era de grande característica, a participação do estado brasileiro.

Celso Furtado havia mencionado em seu clássico livro “formação econômica da América Latina” que:

A industrialização seria principalmente induzida pelas tensões estruturais provocadas pelo declínio, ou crescimento suficiente do setor exportador (Furtado, 1970:p.131)

Tal afirmativa reforçava a precária situação da ordem econômica mundial e do modelo que o Brasil se encontrava. Um modelo exportador e inviável para as condições da época.

Um dos grandes pontos da época foi o afrouxamento de questões das barreiras existentes no estado e a criação de empresas nacionais, tal como a Companhia Siderurgica Nacional, que fora um grande símbolo do nacionalismo da era Vargas.

Segundo Maria Cecília Spina Forjaz, questões históricas relacionadas à crise de 30, juntamente com movimentos da revolução de 30, rompendo com as tradições da chamada república das oligarquias da época, causaram um grande impactos em setores econômicos do Brasil (vide café). Tal como a autora aborda em seu artigo “industrialização no Brasil 30-45”, temos a seguinte condição histórica que levaram as condições para industrialização Brasileira, foram levantados os seguintes pontos:

- A nova coalizão dominante significa a acomodação entre elites tradicionais e emergentes, juntamente com a revolução de 30, levaram a um novo espaço

para as condições políticas da época.

- A participação da burguesia industrial nas decisões econômicas tem sido minimizada pela análise sociológica.
- O pensamento autoritário, ideologia dominante nessa etapa histórica, influenciou de forma significativa a o pensamento de um estado intervencionista.
- A grande diversificação do aparelho estatal pós-30 implicou a descentralização de arenas decisórias, nas quais os interesses industriais puderam insinuar-se (principalmente comissões e conselhos técnicos).

Com isso, as condições históricas após a revolução de 30, dado as condições da ordem econômica contribuíram significativamente para sua implementação.

Um grande episódio ocorrido na época, fora a crise cafeeira e como cita Celso Furtado, a economia e o crescimento do Brasil a partir da década de 30, fora símbolo de toda a classe cafeeira da época com a intenção de evitar as crises nas finanças governamentais (Paulo César Dutra Fonseca, revista economia Política).

Devido ao grande choque da economia mundial, o Brasil necessitou reinventar toda sua estrutura econômica, especialmente na produção de bens de consumo duráveis, intermediários e de capitais.

## 2.2 IMPACTOS INDUSTRIAIS

Tal como define Paulo Viceconti e, como consequência, o processo de industrialização apresentou alguns pontos específicos, sendo elas: a baixa absorção da mão de obra, a concentração da produção em empresas de grande porte em algumas regiões específicas, com uma grande participação do estado brasileiro e do capital estrangeiro para o desenvolvimento industrial de toda a matriz brasileira.

Quadro 2

Estrutura do setor industrial, por ramos e grupos de indústrias, em termos do nível de emprego (em %)

Grupos	Ramos	1949	1955	1959	1965	1970	1972
Tradicionais	1. Madeira	4,0	5,3	5,0	4,1	5,0	4,0
	2. Mobiliário	3,1	3,3	3,6	2,5	3,9	2,9
	3. Couros e peles	1,7	1,5	1,4	1,2		1,0
	4. Têxtil	26,5	25,0	18,7	16,4	1,0	13,0
	5. Vestuário	6,0	6,0	5,6	4,9	6,1	5,6
	6. Produtos alimentares	18,0	13,9	15,2	13,7	13,8	12,7
	7. Bebidas	2,9	2,9	2,5	2,6	2,2	2,1
	8. Fumo	1,0	0,9	0,8	0,9	0,5	0,7
	9. Editorial e gráfica	3,8	3,4	3,5	3,4	3,6	3,4
	10. Diversos	2,1	2,5	2,2	1,9	2,3	2,8
		69,1	65,7	58,5	51,6	53,4	48,1
Dinâmicas A	11. Minerais não-metálicos	10,1	8,7	9,3	7,2	8,8	7,0
	12. Papel e papelão	1,9	2,3	2,3	2,6	2,5	2,9
	13. Borracha	0,7	1,0	1,2	1,3	1,2	1,3
	14. Química	5,6*	6,8*	4,4	5,2	3,9	4,7
	14A. Farmacêutica			1,5	1,9	1,1	1,7
	14B. Perfumaria			0,8	0,7	0,7	0,8
	14C. Matéria plástica			0,6	1,3	1,6	1,8
	15. Metalúrgica	7,8	8,9	9,9	12,8	9,9	11,5
		26,1	26,7	30,0	33,0	29,7	31,7
Dinâmicas B	16. Mecânica	2,0	2,8	3,5	3,9	6,7	7,3
	17. Material elétrico	1,3	2,5	3,3	4,4	4,3	5,4
	18. Material de transporte	1,5	2,3	4,7	7,1	5,9	7,5
		4,8	7,6	11,5	15,4	16,9	20,2
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

\* O ramo química neste ano abrange também os ramos farmacêutica, perfumaria e matéria plástica  
 Fonte dos dados brutos: censos e registros industriais.

Fonte: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v17n6/v17n6a03.pdf>

O gráfico abaixo demonstra o caso em questão e todo o avanço desde o final da segunda guerra mundial e toda sua dinâmica.

Podemos constatar a presença forte dos setores industriais, tais como, mecânica, elétrica. Grupos até então com baixa relevância no cenário brasileiro da época, tiveram um aumento nos anos seguintes a sua grande influência no cenário industrial. Houve também uma baixa significativa no quesito a bens de consumo não duráveis, como se pode ver nos grupos “tradicionais”, ou seja, bens de consumo não duráveis. Isso reflete a grande participação da indústria nascente do Brasil.

O quadro abaixo irá refletir o que se subsequiu diante das políticas implementadas da substituição de importações

Estrutura do produto industrial por usos – Cr\$ de 1955 (com base nos índices de volume físico)

Usos	1949	1955	1959	1966	1969	1972
Bens de capital	5,2	5,7	12,0	11,7	11,0	13,4
Bens de consumo duráveis	7,2	9,5	9,4	13,3	15,8	17,3
Bens de consumo não-duráveis	55,6	50,6	43,9	35,0	33,2	27,8
Bens intermediários	32,0	34,2	34,7	40,0	40,0	41,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: *A industrialização brasileira – diagnóstico e perspectivas*. Documentos IPEA, n.º 4 – para os dados até 1966; *Crescimento industrial – incentivos e desempenho recente*. Coleção relatórios de pesquisa do IPEA, n.º 26 – para dados de 1969 e 1972.

Fonte: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v17n6/v17n6a03.pdf>

O que se observa acima foi o aumento dos bens de capital, em face de um Brasil, que na época se encontrava com grande parte de sua indústria baseada em bens não duráveis, passou a partir dali, iniciar seu processo industrial.

Segundo Paulo Eduardo Viceconti em seu estudo sobre o processo da industrialização Brasileira, pode destacar os seguintes pontos (anteriormente já citados) com relação ao processo de industrialização que se seguiu e suas consequências:

- 1) Houve a baixa absorção da mão de obra devido à rápida industrialização brasileira. Segundo Viceconti, tivemos uma crescente da modernização dos padrões de consumo do lado da demanda. Por outro lado, na perspectiva da oferta, tivemos políticas econômicas que causaram uma facilidade de utilização de capital por parte das empresas.
- 2) A grande concentração setorial e regional das produções, ou seja, devida a implementação das indústrias ditas “dinâmicas”, o que levou a um desaparecimento das empresas de tipo artesanais, o que houve a concentração dessas indústrias. Em grande parte, essas empresas se encontravam no chamado eixo São Paulo- Rio de Janeiro.
- 3) Uma maior participação estatal. Está última fora fortemente incluída e, como diz o próprio autor, de forma quantitativa e qualitativa. Órgãos federais foram criados, o BACEN contribuiu positivamente com relações aos incentivos para as indústrias. Segundo o autor, se verificarmos o coeficiente de participação do estado na economia nos anos subsequentes, suas despesas se elevaram, cerca de 17,1% em 1947 para 32,2% em 1969. Ou seja, houve uma eximia participação estatal no sistema econômico brasileiro.



- 4) Outro ponto a se destacar foi a presença de capital estrangeiro perante o processo de industrialização. Tal presença de capital contribui fortemente para o desenvolvimento da presença industrial brasileira.

A tabela abaixo demonstra a grande participação da indústria de transformação nos anos subsequentes:

Indústria da transformação – Taxas médias de crescimento anual segundo períodos selecionados e ramos industriais (em %)

Ramos	Períodos				
	1949-52	1952-57	1957-62	1962-67	1967-72
Minerais não-metálicos	15,0	3,0	5,9	0,3	13,9
Metalúrgica	19,3	2,5	15,6	6,2	12,5
Mecânica	11,6	9,9	16,5	1,4	20,5
Material elétrico	25,1	17,7	27,0	8,1	15,4
Material de transporte	24,5	15,3	27,0	0,0	19,3
Papel e papelão	17,9	5,2	9,1	6,3	7,1
Borracha	19,8	6,0	15,0	6,2	13,7
Química	11,6	13,2	17,7	6,0	15,2
Têxtil	12,4	- 2,1	8,8	- 5,0	6,3
Produtos alimentares	4,4	3,2	7,5	1,8	8,7
Bebidas	9,4	6,0	4,1	0,9	7,9
Fumo	7,1	6,2	6,6	- 1,0	5,5
Total da indústria	10,3	4,4	11,9	2,7	12,1

Fonte: 1949 a 1957 – dados obtidos a partir do registro industrial dos anos 1952 e 1957 e do censo industrial de 1950; 1957 a 1972 – Suzigan, W. et alii. *Crescimento industrial recente*. Relatório de pesquisa do IPEA, n. 26.

Fonte: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v17n6/v17n6a03.pdf>

Como pode observar acima, tivemos uma ampliação nos anos que se seguiram da indústria metalúrgica, 19,3% a partir de 1949 – período pós-guerra – assim como indústrias do ramo mecânico, elétrico e de transporte, cerca de 11,6%, 25,1% e 24%, respectivamente.

Tais números refletem a força que se tomou na época da indústria nascente de base. Com crescimento da indústria, cerca de 10,3%. Segundo Celso Furtado, como aponta Paulo Viceconti, temos a seguinte afirmação:

As indústrias, aproveitando, de uma maior produtividade econômica, em virtude da melhoria das relações de trocas nessa fase, por meio de importações de bens de capital em condições mais favoráveis [...] o uso de máquinas importadas. (Paulo Eduardo Viceconti, p.39, revista administração de Empresas).

Com isso, observamos que houve o acesso com maior facilidade às tecnologias externas, trazendo consigo uma gama de possibilidades de desenvolvimento da indústria nascente brasileira.

Política essa que perdurou e se estabeleceu em um Brasil, ainda que sim, de ritmo não intenso, porém trouxe consigo uma nova ordem econômica e uma expansão jamais visualizada do PIB. Cabe ao país seguir nessa direção.

## CONCLUSÃO

É evidente o quanto a indústria avançou diante da política da substituição de importações brasileiro. Com início em 1930, a chamada política, trouxe uma nova ordem industrial, trazendo consigo o avanço de setores – o que antes não havia sido estabelecido, devido à ordem econômica mundial. Nos anos que se subsequiram, tais políticas trouxeram consigo um avanço industrial e um crescimento do produto interno bruto a patamares nunca antes vistos.

Evolução de setores de bens de capitais e bens de consumo duráveis cresceu de forma acelerada e exponencialmente e jamais visto anteriormente.

Como é de conhecimento, setores indústrias promovem um grande crescimento do produto interno e sua produção está relacionada a uma mão de obra em setores da economia, que necessitam de certa tecnologia e uma especialização, o que contribui para a sociedade e seu crescimento.

Uma época marcada de grandes incertezas, pois o mundo enfrentara uma grande crise, a famosa crise de 1929 e seus males diante da superprodução existente na época e, em partes, por revoluções que o país havia sendo acometido, culminaram para um importante processo. Um processo chave para a indústria de desenvolvimento nascente de um país que, até então era considerado um sistema agrário e dependente de uma gama de produtos importados.

Observamos também um avanço considerável em setores da indústria de transformação, tal como mecânica e materiais elétricos, materiais de transporte, entre outros.

KALDOR havia postulado a importância da industrialização, agora cabe a nós, tentarmos caminhar e prosseguir com todo esse processo.

## REFERÊNCIA

Revista de Economia Política, vol. 30, nº 2 (118), pp. 357-358, abril-junho/2010 - Daniel Arruda Coronel - Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rep/v30n2/11.pdf> - Acesso em: 17 dez.2020.

Revista Economia Política, Vol.23, nº 1(89), janeiro-março de 2003 - Sobre a intencionalidade da política econômica no Brasil na década de 30 – Pedro César Dutra Fonseca. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24347/000375958.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 dez.2020.

Industrialização, estado e Sociedade no Brasil (1930-1945) – Maria Cecília Spinaz Forjaz. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v24n3/v24n3a06.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

O processo de industrialização Brasileira – Paulo Eduardo V. Viceconti. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v17n6/v17n6a03.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Revista de Economia Política, vol. 31, nº 1 (121), pp. 118-138 janeiro-março/20 - Crescimento e industrialização no Brasil: uma interpretação à luz das propostas de Kaldor - Marcos Tostes Lamônica e Carmen Aparecida Feijó. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rep/v31n1/a06v31n1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.